

CADERNOS DO CEIS20

UM REPUBLICANO NO CONVENTO

N.13, 2009

AIRES GAMEIRO, *O.H.*
AUGUSTO MOUTINHO BORGES
ANA MATEUS CARDOSO
FERNANDO D'OLIVEIRA

CENTRO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DO SÉCULO XX

CADERNOS DO CEIS 20

CORAM

2007

AIRES GAMEIRO, O.H.
AUGUSTO MOUTINHO BORGES
ANA MATEUS CARDOSO
FERNANDO D'OLIVEIRA

UM REPUBLICANO NO CONVENTO

O DR. LUÍS CEBOLA E A OCUPAÇÃO ERGOTERÁPICA
DOS DOENTES MENTAIS NA CASA DE SAÚDE DO TELHAL,
DA ORDEM HOSPITALEIRA DE S. JOÃO DE DEUS

COIMBRA

2009

Os Cadernos do CEIS20 são publicados pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra-CEIS20. Esta publicação, de pequena dimensão, tem por objectivo dar a conhecer resultados parciais ou finais de pesquisas realizadas no âmbito deste Centro e reflectem, por isso, a actividade de investigação efectuada. Os trabalhos publicados têm que ser inéditos e devem incentivar o debate de temas e de problemas do século XX.

Os Cadernos do CEIS20 são sujeitos a arbitragem científica

Coordenação Científica: João Rui Pita

Coordenação Editorial: Isabel Maria Luciano

UM REPUBLICANO NO CONVENTO

O DR. LUÍS CEBOLA E A OCUPAÇÃO ERGOTERÁPICA DOS DOENTES MENTAIS
NA CASA DE SAÚDE DO TELHAL, DA ORDEM HOSPITALEIRA DE S. JOÃO DE DEUS

Autor: Aires Gameiro, O.H.
Augusto Moutinho Borges
Ana Mateus Cardoso
Fernando d'Oliveira

Edição: CEIS20, Coimbra

Telefone: 239 708870 | Fax. 239 708871

E-Mail: ceis20@ci.uc.pt

URL: www.ceis20.uc.pt

Capa: Gonçalo Luciano

Impressão e acabamento: Imprensa de Coimbra, Lda

Depósito legal: 297713/09

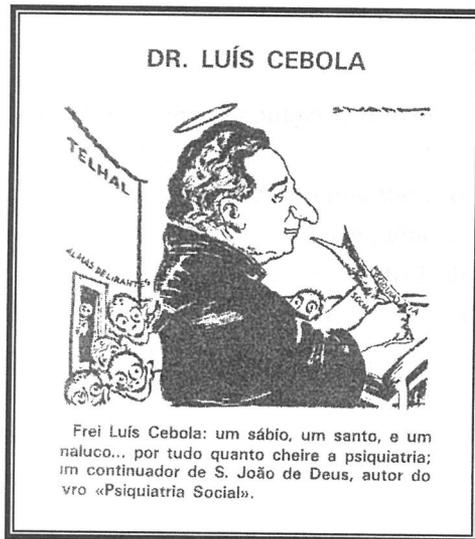
ISBN: 978-972-8627-11-9

Pe. Aires Gameiro O.H., — Irmão de S. João de Deus; Psicólogo; Doutor em Pastoral da Saúde, (Faculdade Teresianum), pelo Instituto Internacional de Teologia de Pastoral da Saúde, Camillianum, Roma (Itália); Investigador da *Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento Vocacional e Social*, Universidade Coimbra.

Augusto Moutinho Borges — Conservador Museu S. João de Deus, Doutor em História das Ciências da Saúde (Faculdade de Ciências Médicas), pela Universidade Nova de Lisboa; Investigador do *Centro de Estudos Interdisciplinares Século XX* da Universidade Coimbra – CEIS20.

Ana Pedro Mateus Cardoso — Mestranda em Organizações Não Governamentais, Universidade de Roma, Itália.

Fernando d'Oliveira — Assistente Espiritual Hospitalar na Casa Saúde Telhal; Mestre em Assistência Espiritual pela Universidade Pontifícia de Comillas-Madrid, Espanha.



STUART, in *Stuart e o Modernismo em Portugal*, José Pacheco

Evocação duma experiência

Começo¹ por recordar os meus contactos de trabalho com o Dr. Luís Cebola no Telhal de 1942 a 1948.

Conheci o Dr. Luís Cebola quando frequentava o colégio da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus e via, com frequência, o carro em que se fazia transportar, desde Queluz, à Casa de Saúde do Telhal.

Nessa altura residia na Avenida Almirante Reis em Lisboa. Tinha um chalet em S. Pedro do Estoril, construído entre a Marginal e o mar, que usava como casa de fim-de-semana. O projecto deste chalet acastelado foi aprovado pela Câmara, em 22 de Abril de 1927². Posteriormente vendeu-a ao colega neurologista, Dr. Vasco de Sousa Chichorro, que foi assistente do Prof. Diogo Guilherme da Silva Alves Furtado, ambos médicos que conheci a trabalhar no Telhal, pelos anos 40 do séc. XX, sendo, o último, médico especialista dos doentes militares, desde 1933.

Em 1943 a Casa de Saúde do Telhal comemorava os 50 anos de existência e ao Dr. Luís Cebola foi solicitado, pelo Pe. João Gameiro, para colaborar, com um capítulo, num livro³ que se estava a escrever. O texto do Dr. Cebola denomina-se "*Evolução Terapêutica na Casa de Saúde do Telhal*".

Em 1947 e 1948, sendo eu noviço e ajudante de enfermaria, na chamada Enfermaria de S. João de Deus, onde eram recebidos e tratados os doentes

¹ Referências do autor Pe. Aires Gameiro que conviveu com o Dr. Luís Cebola.

² Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais. Dados fornecidos pela Ex.m^a Sr.^a Investigadora Maria Luísa Vilarinho, a quem agradecemos.

³ *Os Irmãos de S. João de Deus em Portugal, 1606-1834 – 1893-1943*.

agudos, tive ocasião de contactar mais de perto com ele. Observava que era bastante dado aos Irmãos que o acompanhavam de perto. Nesta fase final dos seus serviços na Casa de Saúde, ainda tive ocasião de ver alguns dos tratamentos que utilizava. Um paciente, entre outros, ficou gravado na minha imaginação. Era um de tantos que chegavam com síndrome de Korsakof, completamente desorientados no tempo e no espaço, e afectados de alucinações delirantes, devido a prolongados consumos de bebidas alcoólicas.

Aquele foi isolado no quarto, onde foi deixado apenas com cama e um bacio alto. Foi-lhe administrada a receita mais comum de 20 ou 30 gramas de sulfato de sódio, logo seguido de líquidos frequentes, principalmente cafeteiras de café com leite. Uma vez entrei no quarto, quando ele estava preso à cama, e fiquei impressionado pela sua gritaria, pedindo insistentemente que tirasse aquelas cobras que se passeavam nas paredes do compartimento. Outro doente, no gabinete de enfermagem, chamava a atenção para as manadas de cavalos que andariam no monte em frente da janela. Tudo alucinações.

Aplicavam-se, com a metodologia da época, que hoje pode impressionar, centenas de ECs semanais, os quais, associados à ergoterapia concorreram para centenas de altas de doentes agudos há longos anos internados.

As primeiras visitas ao *Museu Ergoterápico* criado, no pavilhão de S. José, nos anos vinte pelo Dr. Luís Cebola, impressionaram a minha imaginação de jovem. Bem recheado de produções artísticas, entre as quais alguns desenhos e um busto do próprio médico, tinha um responsável à altura, Simões Costa. Foi o primeiro Museu do género existente em Portugal.

Esta fase final da direcção clínica, do Dr. Luís Cebola no Telhal, coincidiu com a introdução de novos tratamentos: insulinoterapia, electrochoque, e outras terapias convulsivantes. Os últimos dez anos viram também as dezenas de leucotomias pelo método do Prof. Egas Moniz. Assisti, porque estava presente na sala de operações, em Novembro de 1947, a quatro delas⁴, participando também, como ajudante, nos cuidados do pós-operatório dos mesmos pacientes.

⁴ Leucotomias essas que vêm referidas pelo Ir. Diamantino, in *Hospitalidade*, n.º 53, 1949, p. 222.

Foi em especial o Prof. Dr. Diogo Furtado quem mais se envolveu na selecção destes enfermos, quase todos militares ou de famílias de militares.

Desde 1931, trabalhava também na Casa de Saúde o Dr. António Meira de Carvalho como clínico geral, o qual se referiu ao Dr. Luís Cebola como “acérrimo democrata, bom psicólogo, mas um ignorante em clínica geral”⁵.

A história desta Instituição, e por arrastamento a obra do Dr. Luís Cebola, ou vice-versa, tem sido parcialmente ignorada e quase ostracizada pelos historiadores do *establishment psiquiátrico*, talvez devido a algum imperativo categórico ditado por alguma ideologia ou *dictactum* académico. De toda a maneira seria preciso perceber por que razões o Dr. Luís Cebola, apesar da sua obra notável, foi sistematicamente ignorado na obras de história da psiquiatria portuguesa.

Perfil (auto)biográfico do Dr. Luís Cebola

José Luís Rodrigues Cebola, segundo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*⁶, nasceu em Alcochete em 1876, formando-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1906⁷, tendo-se orientado para a especialidade das doenças nervosas. Foi neste ano que participou no *XV Congrès International de Médecine* em Lisboa, 19 a 26 de Abril⁸. Eis como ele descreve a sua vocação para a psiquiatria:

*“Quando entrei no quinto ano e para o internato dos hospitais civis, ainda não sentia o imperativo de uma decisão na escolha da especialidade”*⁹.

⁵ CARVALHO, 1978, p. 29.

⁶ GEPB, 6.º vol, p. 376.

⁷ A GEPB refere que o Dr. Luís Cebola «colaborou nas festas de homenagem a João de Deus [o poeta] e a Eça de Queiroz, dos Centenários da Índia e de Almeida Garrett, proferindo discursos em vários teatros de Lisboa, na Sociedade de Geografia de Lisboa, no Ateneu Comercial e Associação dos Lojistas».

⁸ No “*Volume general*” do Congresso “*Liste des Congressistes*” é dada a sua morada como segue: *Cebola (Luís) - Campo de Sant’Anna, 133, 2.º G, Lisbonne, p. 268.*

⁹ GAMEIRO, 1943. É deste texto autobiográfico que faço as citações em itálico.

Reconhece como Dubois, com o seu método de “tratamento e assistência moral” e S. João de Deus, com a sua “dedicação inexcedível, o despertaram para seguir com entusiasmo a psiquiatria e o tratamento dos perturbados psíquicos. No seu livro *Psiquiatria Forense* volta a exprimir a sua admiração por S. João de Deus quando diz: “no século XVI S. João de Deus, natural de Montemor-o-Novo, cuja vida foi modelo de sacrifício e dedicação”¹⁰.

“O acaso me trouxe à mão um livro do professor Dubois (de Berne), *Psiconevroses e o seu tratamento moral* (...). Ao ler os primeiros capítulos deveras atraentes pelo conteúdo sugestivo e pela forma simples, mas elegante do estilo, a eles se prendia cada vez mais a minha atenção. Chegando à última página, perguntei a mim mesmo: será possível curar perturbações acabrunhantes, penosas, como Dubois nos apresenta, sem intervenção de remédios de farmácia?!”.

A seguir, o Dr. Luís Cebola refere-se à leitura da vida de S. João de Deus nos seguintes termos:

“Decorrido pouco tempo, um outro amigo me emprestava o livro, *Vida de S. João de Deus*, onde se põe em relevo a dedicação inexcedível do Santo português. Enfim, as duas obras excelentes deixaram-me entrever o preciosíssimo valor da assistência moral aos psicopatas e despertaram, no meu espírito, a vocação para seguir com entusiasmo o caminho da Psiquiatria”.

O tema e a defesa da sua tese de doutorado foram motivadas por este interesse pela psiquiatria, como ele mesmo afirma, orientando-a para a análise dos trabalhos artísticos e literários dos pacientes.

Está presente a actividade futura de criar e organizar um Museu Ergoterápico. No seu livro *Almas Delirantes*¹¹, dá-nos um documentário vivo sobre o Telhal anterior a 1925. A valorização das ocupações e competências positivas e construtivas dos pacientes são privilegiadas, como *leitmotiv* de tratamento e reabilitação, em detrimento da focagem nos sintomas negativos, quase na linha da reabilitação psicossocial *avant la lettre*. Esta orientação já aparece na tese de doutorado.

¹⁰ CEBOLA, 1940, p. 13, 1.ª ed.

¹¹ CEBOLA, 1925.

“Resolvi-me, pois, a defender a minha tese de doutorado¹² sobre um assunto pertencente a esse ramo da ciência médica, que eu intitulei “A Mentalidade dos Epilépticos”, analisando, de preferência, os seus míseros produtos artísticos e literários” (l.c.).

O Dr. Cebola trabalhou e investigou no Hospital Rilhafoles e em 1911, já especializado em doenças nervosas e mentais, foi nomeado, pelo Governo Provisório da República¹³, para o cargo de Director Clínico do Manicómio do Telhal.

Aí exerceu as suas funções de forma muito regular e dedicada. Fez visitas de estudo ao estrangeiro, escreveu e publicou livros técnicos, livros didáticos e ensaios literários até 1948, ano em que se reformou, recebendo então uma pensão da Casa de Saúde, vindo a falecer em 1967. Não constituiu família, pois num requerimento de 1928, à Câmara de Cascais, declarou que era solteiro.

Uma visita de Afonso Costa inesperada, seguida de uma nomeação

Recorde-se que após a nomeação do Dr. Luís Cebola para Director Clínico do Telhal, o Governo Provisório publicou em 13 de Maio de 1911, a lei para regular a assistência dos psicopatas, que o Dr. Luís Cebola insere quase na íntegra no seu livro *Enfermagem Especial de Psicopatas*¹⁴. Desta lei, saiu a terminologia das quatro categorias de Manicómios: *manicómios de ensino, manicómios regionais, manicómios criminais e manicómios asilos (art. 1.º), em cuja categoria se integrava o Telhal.*

¹² No dia 22.07.1906.

¹³ O Director Clínico era o Dr. Rodolfo Augusto da Silva Telles, “hábil, diligente e sympático” no dizer de José de Sena Freitas (*Ao Veio do Tempo*, Lisboa, 1908, p. 232, Aires GAMEIRO e outros 1993, pp. 52-61); LAVAJO (2003, pp. 180-181), este diz que “Afonso Costa para o afastar da Casa de Saúde e colocar lá alguém da sua confiança... ordenou uma sindicância” e o substituiu “pelo Dr. Luis Cebola em 2 de Janeiro de 1911”.

¹⁴ CEBOLA, 1938, pp. 123-130.

A sua nomeação para Director Clínico do Telhal surge num contexto bem conhecido. Em 1910, logo, a seguir à implantação da República, o Governo expulsou todas as Ordens Religiosas do país, confiscando todos os seus bens. A de 15 de Outubro, o Ministro Afonso Costa, visitou as Casas de Saúde do Telhal e a da Idanha, para estudar também a expulsão dos Irmãos de S. João de Deus e das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, não conseguindo, todavia, levar a cabo o seu desejo. A nomeação do Dr. Luís Cebola para o Telhal teria, por ventura, o objectivo do governo ter um vigilante de confiança para que aquele manicómio, como então era chamado, não ousasse pôr entaves à revolução republicana¹⁵.

Director Clínico da Casa de Saúde do Telhal

Após publicação do seu primeiro trabalho de investigação psicopatológica, mediante os estudos que realizara no Manicómio Bombarda, em 2 de Janeiro de 1911, assumiu o cargo de Director Clínico da Casa de Saúde do Telhal¹⁶.

Não dispomos de muita informação sobre os primeiros anos de actividade do Dr. Luís Cebola no Telhal. Talvez possamos hoje considerar um trunfo, para a Casa de Saúde e para os Irmãos, a sua presença na Casa de Saúde do Telhal. De facto, por 1917-1918, deu-se o inesperado: O Ministério da Guerra recorreu à Casa de Saúde do Telhal para tratar e assistir os militares extenuados de guerra, regressados das frentes de batalha da Grande Guerra. Este facto constituiu uma reviravolta agradável para os Irmãos e o seu Director Clínico e, certamente, um marco de reconhecimento do nível e qualidade da sua assistência. Além disso trouxe outra consequência: até ali

¹⁵ Cf. GAMEIRO, 1943; FILIPE, 1976; LAVAJÓ, 2003, pp. 96-114.

¹⁶ Maria Luísa Vilarinho, a quem agradecemos, forneceu a informação de que o Dr. Luís Cebola Júnior era sócio da Associação dos Médicos Portugueses em 1910, com o número 722, associação fundada em 1898; formou-se em 1905 e defendeu a Tese no dia 22.07.1906.

os Irmãos tinham de cumprir o serviço militar obrigatório nos Quartéis e no Hospital Principal Militar da Estrela, e agora podiam cumpri-lo na assistência dos militares internados¹⁷.

Um dos primeiros boletins de admissão de doentes no Telhal, assinado pelo Dr. Cebola, data de 31 de Março de 1911, com o n.º 304. O enfermo J.A.R., de 37 anos, professor de ginástica, foi admitido na enfermaria Imaculada Conceição em 2.ª classe, o qual, tendo melhorado, teve alta a 31 de Janeiro de 1912 a pedido de um familiar. Tornou a ser internado a 31 de Dezembro de 1912 e veio a falecer a 7 de Maio de 1913 devido a “ictus epileptiforme”¹⁸.

A linha de acção, de tratar os pacientes por meio de ocupações diversas, foi expressa da seguinte forma:

“Readaptar o doente à vida social, pelo trabalho dirigido, foi uma das minhas antigas aspirações de psiquiatria. Eu tinha verificado lá fora os resultados salutareos da laborterapia, tão conveniente à dinâmica fisiológica”.

Foi essa a orientação que, segundo as suas palavras, propôs aos Irmãos, os quais há séculos vinham a ser pioneiros nesses métodos, de modo que, como ele diz, não teve dificuldade em ser ouvido, pois era isso o que já se fazia no Telhal.

Iniciativas inovadoras no Telhal, colónia ergoterápica

Quando o Pe. Bento Menni, hoje S. Bento Menni, comprou a Quinta do Telhal em 1893, sabia bem o que desejava levar a cabo com ela e, por isso, achou que tinha as características e requisitos para uma instituição de doentes mentais. O Dr. Luís Cebola vem mais tarde confirmar isso mesmo, e enxertar o seu plano de competente alienista numa Casa que já funcionava

¹⁷ GOMEZ, 1968, pp. 427-428; ver também LAVAJO.

¹⁸ A Folha clínica, encabeçada pelo título, tem escrito: Manicómio do Telhal, servido e administrado pelos Enfermeiros de S. João de Deus, e assinado O Director Clínico, Luís Cebola.

há 18 anos, assistindo cerca de 100 enfermos na data em que ele iniciou ali as suas actividades.

O plano, era o de estimular os Irmãos que prestavam serviço humanitário naquela Casa modesta, a transformá-la num estabelecimento psiquiátrico moderno.

Dá-nos a seguir um relato bucólico da Quinta, uma das suas mais valias para o objectivo de ocupação e reabilitação de enfermos mentais:

“A região era calma, longe do bulício dos grandes centros populacionais, uma quinta fértil com água potável magnífica, pinheirais à volta, panoramas variados, multicores, perto de um apeadeiro de caminho de ferro e, a coroar as características desse meio campestre, um pessoal disciplinado e devotado à causa dos infelizes doentes mentais”. Refere que era isso que se esperava, *“os Irmãos Hospitaleiros ouviram a minha exposição, concordaram e meteram ombros à empresa, comprando mais terreno nas circunvizinhanças, dilataram os limites da propriedade”.*

A partir do XV Congresso Internacional de Medicina de Lisboa, em 1906, o Dr. Luís Cebola não deixava de se cultivar e actualizar, participando em congressos, visitas de estudo e redacção de trabalhos relativos a estas actividades. Também foi ele quem em Portugal iniciou os estudos da criação de colónias agrícolas para doentes mentais, pois tinha por objectivo: *“readaptar o doente à vida social, pelo trabalho dirigido [...] como tinha verificado lá fora os resultados salutareos da laborterapia”* (l.c.)¹⁹.

O tratamento pela ocupação dos pacientes foi a sua paixão

Na obra *Elogio da Laborterapia*, de 1944²⁰, respigamos alguns parágrafos. O clínico propõe uma metodologia adequada: *“sem dúvida, é excelente método nos seus resultados e na relativa facilidade em ser usado; mas tem, como qualquer outro, de obedecer a regras, concernentes à idade, ao estado psico-*

¹⁹ Vide *Psiquiatria Social*, ob cit.

²⁰ *Revista Hospitalidade*, n.º 224/225, 3.º/4.º trimestre de 1943, pp. 216-217.

físico, à educação, ao mister e ao ambiente colectivo em que o doente viveu”.

Refere-se às visitas de estudo, que fez em 1926, a importantes estabelecimentos em países estrangeiros, onde os internados se entregam ao trabalho, durante algumas horas, e aos artigos e entrevistas de jornais. E continua *“não podia, pois, a Casa de Saúde do Telhal, de que sou director-clínico, há 33 anos, deixar de empregar o aludido método. Quer no interior dos pavilhões, auxiliando os enfermeiros, recortando cartões e madeira, tecendo objectos de palha, e fazendo cópias, traduções, desenhos e pinturas, com que fui enriquecendo o nosso Museu de Loucura, o primeiro criado em Portugal; quer no exterior, dedicando-se, na granja anexa aos serviços agrícolas, surribar, – cavar, semear, mondar, colher os frutos, cuidar dos animais, etc. – e à carpintaria e serralharia, os seus internados, previamente escolhidos, vêm obtendo êxitos, por vezes imprevistos!”.*

Em todas estas iniciativas, inspiradas em visitas de estudo ao estrangeiro, parecem surgir como pano de fundo as do Dr. Bernardino António Gomes, publicadas em 1845²¹. Por este autor são descritos vários estabelecimentos dos Irmãos de S. João de Deus em França, Itália e Áustria²².

Novas construções para um hospital modelar

Foi com sua orientação que se construíram os modernos pavilhões do Manicómio do Telhal, como refere *“iam-se erguendo em torno do núcleo primitivo novos pavilhões separados, com os seus quartos alegres, higiénicos e várias salas com instalação adequada à sua finalidade (enfermarias, refeitórios, estância, operações cirúrgicas, raios X, etc.)*. Vejamos as datas desses edifícios; em 1920,

²¹ Fac-símile, com prefácios de José Manuel Jara – *Dos Estabelecimentos de Alienados nos Estados principais da Europa*. Lisboa: Ulmeiro, 1999.

²² Idem, ibidem. Leiam-se, por exemplo, as pp. 54-55. Na p. 67, e principalmente pp. 73-77, refere o Hospital de Charenton fundado em 1645 pelos Irmãos franceses, onde Pinel, após a Revolução, aprendeu muito do que lhe é atribuído. Por sua vez Cebola refere a visita à colónia Agrícola de Cadillac, que foi também fundado pelos Irmãos de S. João de Deus, por volta de 1617.

Pavilhão de S. José, considerado por muitos o melhor da época; em 1931, o Pavilhão S. João de Deus, com a Secção de St.º António e a Enfermaria de S. João de Deus, que o Dr. Luís Cebola descreve como “*tendo sala de operações cirúrgicas, raios X, diatermia, tendo também dentista*”.

Em 1935 é inaugurado o Pavilhão de S. Rafael, mais pequeno, com todos os requisitos para isolar e tratar os enfermos afectados pela tuberculose; e em 1938, o grande Pavilhão do Beato, com duas secções em três pisos para os *agitados*, segundo a terminologia da época.

Casa de Saúde do Telhal com tratamentos de vanguarda

A sua atenção como clínico estendia-se a todos os aspectos dum moderno hospital psiquiátrico; desejava-o de vanguarda na situação geográfica, nas instalações, na assistência e nos tratamentos. Para isso, implementava inovações conhecidas em visitas de estudo e tornadas objecto das suas publicações.

Mas para o clínico isso não bastava, o seu objectivo era manter a Casa ao nível dos melhores estabelecimentos similares estrangeiros. Nesse sentido aperfeiçoou instalações e equipamentos ainda há poucos anos muito em voga, como os de hidroterapia, e aplicava processos terapêuticos de reconhecida vantagem, consoante os casos como a diatermia, a organoterapia, a seroterapia, etc..

Desenvolveu o emprego de vários tratamentos que iam sendo introduzidos no Telhal, como a malárioterapia, que teve inúmeras aplicações²³. Disso damos conta quando Wagner von Jauregg trouxe a público os seus êxitos alcançados com a malarioterapia nos paralíticos gerais, a Casa de Saúde do Telhal apareceu na vanguarda dos institutos que adoptaram o método do mestre de Viena.

²³ Vide *Hospitalidade*, de 1936 a 1939.

Alguns dados estatísticos de tratamentos de malarioterapia no Telhal que, de 1936 a 1939 atingiram 150 casos, dão razão ao Dr. Luís Cebola. Na *Hospitalidade* os números 1, 2, 3 e 4, de 1936; n.º 5, 6, 7 e 8, de 1937, e número 9, de 1938, nos locais referidos ao Telhal e a tratamentos, são registados 127 tratamentos com malária, atingindo o 2.º trimestre de 1937 um total de 46. No n.º 13 de 1939 já só são registados 6 tratamentos e no n.º 12 são referidos 17 tratamentos. A partir de 1937 começam a ser registadas outras terapêuticas.

A seguir, o Dr. Luís Cebola refere-se aos métodos convulsionantes, ou de choque, sem dizer se os utilizava. Há documentação notável nos vários números de *Hospitalidade*, principalmente a partir de 1939. O Dr. Diogo Guilherme da Silva Alves Furtado, especialista dos pacientes militares, a partir de 1933, descreve as suas primeiras experiências no mesmo capítulo do livro do Pe. João Gameiro,²⁴ já referido, especialmente com o cardiozol, mas também com a insulina.

O Dr. Luís Cebola atesta estas inovações ao escrever: “Outrossim, se utiliza na Casa de Saúde do Telhal o novo tratamento de choque. Se já no século XVIII e principalmente no fim do século XIX Rumf, Hallopean, Roger e Krausse o experimentaram, é justo confessar que só depois dos tratamentos memoráveis de Richet e Portier sobre o choque anafilático e de Widal acerca de hemoclasia, ele atingiu a maior importância, determinando a criação da insulinoterapia por Sakel em 1935 e a da cardiozolterapia por Meduna em 1937”.

Por fim, o Dr. Luís Cebola aponta o início do tratamento convulsivante eléctrico:

“Actualmente está sendo ensaiado o electro-choque convulsivante” e atesta igualmente as inovações terapêuticas em clínica geral ao afirmar *“No sector da clínica geral também se tem assinalado o progresso terapêutico do estabelecimento, empregando-se os mais modernos aparelhos que nos auxiliam a precisar o diagnóstico ou atentar a cura de moléstias intercorrentes”*.

O Clínico está a referir-se à existência, desde 1933-35, de um bloco cirúrgico no Telhal, um Raio X, Gabinete de Dentista, etc. É estranho que

²⁴ 1943, pp. 146-152.

não explicita um tipo de tratamentos que desde 1936 se iam realizando na Casa de Saúde do Telhal: as leucotomias segundo o método do Prof. Egas Moniz. Temos testemunhas e alguma documentação destas terapêuticas que foram realizadas na Casa de Saúde do Telhal.

Lobo Antunes reconhece que “quando Moniz se refere à leucotomia como uma tentativa *ousada e temerária*, fá-lo consciente de que a sua ideia iria ser recebida com as máximas reservas no mundo psiquiátrico, principalmente porque a psiquiatria vivia nessa época um hiato psicanalítico em que as ideias neuro-organicistas eram fortemente contestadas. O médico Luís Cebola, ex-Director da Casa de Saúde do Telhal, refere no seu livro *Psiquiatria Social*, publicado em 1931, que “em Portugal, todos o sabem, porque todos podem constatá-lo, não há nada, absolutamente nada que possa classificar-se de realização séria, de prática proveitosa em benefício dos pobres doidos que por aí abundam”²⁵.

Eu assisti, porque estava presente na sala de operações, a quatro destas leucotomias, em Novembro de 1947. Recordo os nomes dos quatro pacientes operados (Capitão F. C., R. C. e Tenente A. S.?). Tivemos recentemente acesso aos boletins de dois pacientes que tiveram esta intervenção, um deles do grupo a que me referi e outro operado em 1951.

O primeiro (n.º 2753) aparece com duplo diagnóstico de esquizofrenia e de psicopata obsessivo. Foi operado no quarto internamento e após inúmeros tratamentos de insulina e dezenas de páginas de observações e história clínica anteriores e posteriores, acabou por falecer na Casa de Saúde. O segundo (n.º 3762), também sofrendo de esquizofrenia, com vários internamentos, foi operado no dia 31.X.1951, sendo, entre outras, prova de que as operações de leucotomia se terão realizado na Casa de Saúde do Telhal entre, pelo menos, 1936 e 1951.

Também o Dr. Meira de Carvalho, em *Memórias da Minha Vida*²⁶, refere os seus prolongados contactos como Prof. Egas Moniz e o Prof. Almeida Lima por ocasião do seu apoio nas operações de leucotomia. Refere, ainda,

²⁵ In pt.wikipedia.org/wiki/António_Egas_Moniz.

²⁶ pp. 43-46.

como o Prof. Egas Moniz lhe ofereceu o livro *“Tentatives Operatoires dans le Traitement de Certaines Psychoses”* com a seguinte dedicatória: *“Ao meu prezado colega Sr. Dr. António Meira de Carvalho. Com muita simpatia, oferece. 1936”*. Segue-se a sua assinatura.

A *Revista Hospitalidade*, já no número do primeiro trimestre, Jan-Mar de 1938, p. 26, ao descrever a sala operatória diz o seguinte: *“É pela primeira vez que brilha na nossa pequena e modesta Revista, intitulada Hospitalidade, uma foto da Sala Operatória, na qual nos honram com a sua presença, procedendo a uma apendicetomia, os Ex.mos médicos: Dr. Silva Araújo, cirurgião; Dr. Diogo Furtado, psiquiatra; Dr. Meira de Carvalho, clínico geral e seus ajudantes: Irmão José (Joaquim) Fernandes, Ir. Luís Gonzaga e Ir. Braga. Não só esta mas também todas as outras intervenções que se têm feito nesta Casa que são, aproximadamente 24 (sic) leucotomias, 12 ketotomias, 1 laparotomia, 1 tricotomia, 1 gastrotomia, 1 osteosíntese e 3 apendicectomias. Todas elas correram admiravelmente sem que tivesse havido complicações de espécie alguma”*.

O próprio Prof. Egas Moniz terá apresentado, no Congresso Mundial, em Paris (1950), as vinte primeiras leucotomias, em que não terá havido qualquer complicação mortal e se terão verificado melhorias num terço dos casos²⁷. Na segunda parte do mesmo volume, pp. 352-353, Barahona Fernandes diz que observou os 20 casos operados pelo Prof. Almeida Lima (1935), pelo Dr. Imaginário, Dr. Vasconcelos Marques, Dr. Coutinho e outros, sem referir em que Hospital ou Casa de Saúde foram feitas as leucotomias. Contudo, eram estes mesmos quem ia operar à Casa de Saúde do Telhal, na Sala Operatória que foi precisamente aberta em 1935.

O Irmão José Joaquim Fernandes, que era, em 1938, o Enfermeiro-Chefe da Enfermaria de S. João de Deus do Telhal, diz textualmente *“Desta vez anotarei apenas os nomes destes tratamentos (...): choque convulsivante pela cânfora, choque hipoglicémico, piretototerapia, opoterapia, malarioterapia, leucotomia, hidroterapia e insulinoaterapia”*²⁸.

²⁷ PICHOT e BARAHONA FERNANDES, 1983, p. 166.

²⁸ *Hospitalidade*, Jan.-Mar., 1938, p. 34.

A Casa de Saúde do Telhal e a assistência a pacientes militares

Já referimos que, a partir de 1917, o Ministério da Guerra recorreu à Casa de Saúde do Telhal para assistir os gaseados da Grande Guerra²⁹. Essa colaboração aumentou a capacidade de receber mais doentes, com a construção do novo e luxuoso pavilhão, em 1920, e outros posteriormente. Os doentes militares assistidos iam de soldados, sargentos a oficiais. Até 1933 eram tratados pelo Dr. Luís Cebola, mas, a partir de 1933, começaram a ter o seu próprio oficial médico, o Dr. Diogo Furtado.

Foi este médico que marcou uma fase da Casa de Saúde com a sua autonomia em relação aos pacientes militares e que, em colaboração com o Prof. Egas Moniz, seleccionou, estudou, acompanhou e avaliou os ante e pos-operatório, provavelmente, de quase todos os doentes que foram sujeitos a intervenções de leucotomia.

Também foi nesta fase, dos anos trinta e quarenta, que a experiência de novos tratamentos sofreu maior incremento até à introdução dos primeiros psicofármacos.

O Dr. Luís Cebola, com espírito aberto manteve-se activo nas várias frentes, sem abandonar o seu método preferido dos tratamentos pelas ocupações úteis e artísticas. Não se terá provavelmente entusiasmado muito com as leucotomias, mas como Director Clínico também não terá posto entraves.

Dois anos após a sua reforma, em 1950, o Prof. Pedro Carlos Amaral Polónio, seu sucessor, veio confirmar os avanços terapêuticos da Casa de Saúde do Telhal nos tempos anteriores à sua tomada de posse, e credibilizar a qualidade da assistência prestada na Casa de Saúde do Telhal nas suas várias frentes no tempo do seu antecessor³⁰.

Na data da saída do Dr. Luís Cebola (1948) os doentes atingiam os 530 e dois anos depois eram cerca de 550. A maior percentagem era de doentes

²⁹ Ver também CASTELÃO, 2006, pp. 687-693.

³⁰ BROCHADO, p. 195. Existe uma edição fac-similada, 2006, com bibliografia actualizada.

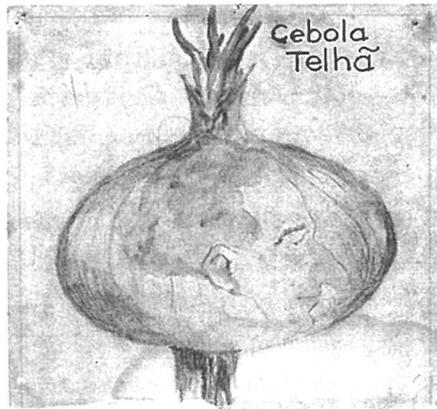
com sequelas alcoólicas, seguidos de esquizofrénicos, maníaco-depressivos e paralíticos gerais, diz-nos Meira de Carvalho³¹, que se esquece de referir os oligofrénicos.

Os precedentes da chamada reabilitação psicossocial, com treino e prática de competências, ficam, pois, postos em relevo como que pedindo meças ao que se procura fazer hoje.

Um Museu, único no país

Uma das glórias inovadoras do Dr. Luís Cebola é o *Museu da Loucura*, o primeiro a ser instituído no país e um dos primeiros que se fundaram na Europa³².

Eis como fala deste Museu no seu livro *Almas Delirantes*³³ “Durante a minha assistência clínica tenho vindo a coligir os elementos que compõem o seu museu. Além de fornecerem aos profanos objecto de distração, contem matéria interessantíssima para os cultores da psiquiatria”.



Caricatura do Dr. Luís Cebola, *Stuart de Carvalhais*, cerca 1928

³¹ *Ob cit.*, p. 44.

³² *GEPB l.c.*

³³ 1925, pp. 113-114.

Dentro da orientação da utilização do valor das ocupações para a reabilitação dos pacientes, o clínico afirma que a análise das suas produções mostra que “a loucura não destrói sempre o sentimento estético e, em muitos casos, pelo contrário, os desperta ou o intensifica”. Observa que os psicopatas tendem a ser poetas com muitas “associações de assonância”. O próprio livro contém rica documentação, poesia e prosa, ora sérias, ora cheias de humor. Reconhece o clínico que nos pintores, caricaturistas e escultores, com peças no museu, “sobressaem alguns de provadas aptidões artísticas” embora, noutros, a arte se assemelhe à das crianças e povos primitivos devido às limitações psico-sensoriais”.

Anota ainda que o “estudo dos escritos e desenhos dos alienados têm alta importância como “especulação científica”,... “como subsídio clínico”, “como esclarecimento precioso”,... “e até como base da crítica da arte”. Em 1944³⁴, ano em que eu o visitava com frequência, ainda ele se referia ao Museu como uma das glórias da Casa de Saúde e “o nosso *Museu de Loucura*, o primeiro criado em Portugal”, e enriquecido com tantas produções dos pacientes ocupados.

Escola de Enfermagem da Casa de Saúde do Telhal dos Irmãos de S. João de Deus

O Dr. Luís Cebola refere que sugeriu, em 1925, à Direcção da Casa de Saúde do Telhal, a criação da Escola de Enfermagem como meio para melhorar os serviços de assistência da Casa, indicando um esboço de programa e objectivos “fornecendo aos Irmãos Hospitaleiros noções de anatomia, fisiologia, pequena cirurgia, farmacologia, higiene e psicopatologia”, ilustrando a técnica da assistência, “fundamentada nos princípios científicos”. Os conteúdos do seu livro, *Enfermagem de Alienados*, de 1932, cobrem precisamente essas matérias. E acrescenta um dos princípios exarados em todas as constituições da Ordem Hospitaleira “*Desta arte, se conjugam a teoria e a prática em benefício*

³⁴ *Hospitalidade*, n.º 224/225, 3.º/4.º trimestre de 1993, pp. 216-217.

de todos os doentes, sem distinção de classes". Reconhece as experiências recebeu neste estabelecimento de assistência, para elaborar uma das suas obras principais em que foi mesmo pioneiro, *Psiquiatria clínica e forense*³⁵.

O Dr. Luís Cebola escreveu, obras técnicas para esta Escola de Enfermagem, que dirigiu e onde foi professor, os livros *Enfermagem Especial de Psicopatas*, 1938. Este livro é mais um compêndio de elementos de psicologia, psicopatologia e orientações práticas e pormenorizadas, para assistir todas as categorias de doentes psíquicos. É um tratado sobre psicopatas, no sentido mais comum do termo. A sua parte prática dá uma informação muito completa da problemática assistencial.

É provável que o cronista anónimo se refira a este livro nas pp. 32-33 da *Hospitalidade* Jan-Mar, de 1938 ao dizer: "os nossos estudantes de Psiquiatria continuam em férias desde Junho de 1937. Todavia o seu ilustre Professor Sr. Dr. Luís Cebola continua escrevendo as suas lições na esperança de que as aulas abram brevemente". Existe no Arquivo Provincial um manuscrito dactilografado e com numerosas anotações, também com a data de 1938, com esta nota "Este livro consta da matéria que tem sido objecto das minhas lições, professadas na Escola de Enfermagem da Casa de Saúde do Telhal, isto é, de todos os conhecimentos – teóricos e práticos – indispensáveis à cultura e regular exercício profissional do enfermeiro psiquiátrico". Diz que inclui alguns capítulos do seu outro livro de *Enfermagem de Alienados*, de 1932. Acrescenta que é o primeiro livro no seu género didáctico escrito em português e que, por isso, vem preencher uma lacuna nos serviços "prestados aos enfermos do espírito".

Produção literária e científica

O Dr. Luís Cebola, além de grande clínico, associou a faceta de investigador e escritor de ensaios e obras didácticas. O seu gosto pela escrita vinha

³⁵ "Uma grande parte da vida e funda amizade tenho-as ligado ao referido estabelecimento onde, mercê de observações e experiências demoradas, fui colhendo os elementos básicos do meu livro *Psiquiatria clínica e forense*".

de longe e estava associado à política, pois fez parte do grupo de estudantes que se envolveram no movimento liberal de 1898, escrevendo em jornais, fazendo discursos e conferências. Envolveu-se na fundação da Associação Académica de Lisboa. Escreveu em diversos jornais e revistas artigos literários e de vulgarização científica.

Ainda estudante fundou e dirigiu um jornal académico intitulado *O Planeta*, e na Escola Politécnica uma Revista literária e social denominada *Alvorada* (1897) e publicou, em 1905, *Canções da Vida*.

Parte dos temas do seu livro *Psiquiatria Social* (1931) foram escritos numa notável secção do *Diário de Notícias*, de Lisboa, precisamente com o mesmo título. Da mesma maneira também escreveu o seu livro *Democracia Integral* (1951), como ele afirma na *Nota Preambular*, que encerra apenas artigos que foram publicados no jornal *A República*.

Em 1925, publicou *Almas Delirantes* e logo em 1926 *História de um Louco: Analisada sob o Aspecto Psico-Clínico*. Publicou textos para a Escola de Enfermagem, em 1932, *Enfermagem de Alienados*, e, em 1938, *Enfermagem Especial de Psicopatas*.

O Dr. Luís Cebola, além de clínico eminente para a sua época, notabilizou-se como ensaísta. A lista da sua bibliografia, existente na Biblioteca Nacional de Portugal, conta com cerca de 25 títulos, o último dos quais saído três anos antes do seu falecimento.

A sua produção literária, além de obras especializadas, estendeu-se a ensaios de questões de actualidade, tais como, *Os novos Messias: análise psicopatológica de Hitler e Mussolini*, em 1945; *Democracia integral: origem e evolução*, 1951; *Pantografia de Antero de Quental*, 1955; *Estado Novo e República*, 1955; *Memórias de este e do outro mundo*, 1957, com segunda edição em 1958. Nem faltou um ensaio intitulado *Clero, Nobreza e Povo*, de 1959, e *O homem livre na terra livre*, em 1964.

Um clínico votado ao Ostracismo?

Não deixa de ser estranho que o nome do Dr. Luís Cebola se encontre tão apagado onde seria de esperar encontrá-lo, até mesmo nas fontes da Psiquiatria. Será intencional?

A história da Casa de Saúde do Telhal, e por arrastamento a do Dr. Luís Cebola que a dirigiu durante trinta e tal anos, tem sido ignorada e votada ao ostracismo pelos historiadores do *establishment*. De toda a maneira, seria preciso perceber por que razões o Dr. Luís Cebola, apesar da sua obra notável, tem sido quase totalmente ignorado nas obras de história da psiquiatria portuguesa. É certo que com o emergir de novas terapêuticas, no final dos anos trinta e anos quarenta, principalmente as convulsivantes e a malárioterapia, o Dr. Cebola começou a ficar menos actualizado. Mas não tanto, nem isso invalidou os métodos de ocupação útil dos pacientes, cujo valor nunca foi posto em questão e concorreu para muitas dezenas de altas, e de alguns com muitos anos de internamento, resultado da associação entre as ocupações e as terapêuticas de insulina e EC. Foi mesmo o dado mais saliente no Telhal antes da utilização dos primeiros psicofármacos, como vimos confirmado antes pelo Prof. Pedro Polónio, e um de nós (AG) também pode testemunhar por ter colaborado na aplicação semanal de muitas dezenas de EC e de tratamentos insulínicos. É certo que o Dr. Luís Cebola não era um professor universitário, mas também não era um clínico de aldeia. Até aos anos quarenta utilizava os meios mais indicados, como ele teve ocasião de observar na Europa.

Na sua *Psiquiatria Forense*, com duas edições, o próprio Dr. Cebola mostra-se bem mais magnânimo com os colegas, ao reconhecer o lugar de um Júlio de Matos, de um Miguel Bombarda, de um Magalhães Lemos, no panorama nacional.

O ostracismo a que foi votado estendeu-se, segundo tudo leva a crer, à própria Casa de Saúde do Telhal, que nem sequer com as inovadoras leucotomias de Egas Moniz foi alguma vez referenciada, como se muitas destas intervenções tivessem sido levadas a cabo nalguma instituição fantasma.

E até numa história da psiquiatria portuguesa (*Um Século de Psiquiatria e A Psiquiatria em Portugal* (1984) de P. Pichot e Barahona Fernandes, este segundo médico só conseguiu reservar uma nota de sete linhas³⁶ para todas as instituições de psiquiatria das Ordens Hospitaleiras, que já nessa altura detinham 50% das camas de psiquiatria do país. E do Dr. Luís Cebola apenas refere o nome entre parênteses, sem um comentário!

Por outro lado, no mesmo livro, o Prof. Barahona Fernandes refere largamente o Professor Egas Moniz e o seu método de leucotomia.

O *establishment* académico não lhe terá perdoado a ousadia de ser autodidacta, nem o facto de estar à frente de uma instituição psiquiátrica “fradesca”, com prestígio técnico-científico nacional e internacional, sendo mais visitada por estudiosos estrangeiros³⁷ que as oficiais, de cuja colaboração técnico-científica o Ministério da Guerra se valeu.

Pensão da Casa de Saúde do Telhal até 1967

O Dr. Luís Cebola esteve ao serviço da Casa de Saúde até 1948, ano em que perfazia 72 anos de idade. Aproximavam-se as comemorações do *IV Centenário da Morte de S. João de Deus*, que iriam ser protagonizadas como festas nacionais, em colaboração com Espanha. Os pontos altos seriam a publicação de uma obra monumental de investigação, feita por uma plêiade de especialistas de primeiro plano, a visita das relíquias do Santo, vindas de Granada na sua urna de prata, em cortejo solene e passagens por Montemor-o-Novo, Lisboa, Fátima, etc. Além disso, estava a ser planeada uma visita do Presidente da República, Marechal Óscar Carmona, ao Telhal, o qual iria conceder a Comenda da Ordem da Benemerência à Província Portuguesa, na pessoa do Irmão Provincial Júlio (José) dos Santos, e a Grã-Cruz,

³⁶ ob. cit., p. 328.

³⁷ Como um de nós (AG) ouviu repetidas vezes ao Monitor (Director) da Escola de Enfermagem do Telhal, o Ir. Cândido (Aires) da Costa quando a pedido do Professor Pedro Polónio, ali se deslocavam esses visitantes.

da mesma Ordem, à Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, na pessoa do Superior Geral, (04 de Outubro de 1950). Por isso, seria conveniente um Director Clínico da nova geração. Após várias diligências, foi admitido o Prof. Pedro Polónio, e foi proposto ao Dr. Luís Cebola a reforma pelos seus 37 anos de serviço dedicado à Casa. O Provincial à data foi de parecer que a Casa devia atribuir uma pensão ao clínico cessante, até em prova de gratidão pela sua dedicação; pensão que o Dr. Luís Cebola recebeu até à data do seu falecimento, em 1967.

Observações finais

Já em 1943, quando foi solicitado pelo Pe. João Gameiro para colaborar na memória dos 50 anos dos Irmãos de S. João de Deus em Portugal, o Dr. Luís Cebola manifestava assim o seu contentamento pelo dever cumprido, sem faltar uma referência circunspecta “aos exemplos piedosos” de S. João de Deus. *“Durante 32 anos, hei diligenciado cumprir o meu dever, não me esquecendo nunca dos tempos longínquos da minha iniciação clínica, quando as lições do professor Dubois e os exemplos piedosos de S. João de Deus me ensinaram a compreender o verdadeiro significado da terapêutica psíquica e da assistência carinhosa, prestadas aos infortunados doentes do espírito”* (l.c.).

Podemos aceitar a afirmação e brio do Dr. Luís Cebola, quando escreve: *“É, portanto, consolador, na hora alta da comemoração, (50 anos da Casa) lançar um olhar retrospectivo para a época em que a Casa de Saúde do Telhal dava os primeiros passos na assistência aos enfermos mentais e evocar em seguida, os seus ulteriores estádios evolutivos, firmados num esforço constante, probo e altruísta”*.

Mas o perfil do Dr. Luís Cebola não consta só de relatos autobiográficos. No final do seu ensaio *As Grandes Crises do Homem, ensaio de psicopatologia individual e colectiva*, que publicou em 1945, insere alguns comentários da imprensa às suas obras.

A propósito do livro *Almas Delirantes* aparecem, entre outros, os encómios de “psiquiatra distinto”³⁸, “rigor de análise” e “alto critério científico” do autor³⁹, “alienista experimentado”⁴⁰, “eminente e estudioso médico”⁴¹.

Na crítica de *História de um Louco, O Comércio do Porto* diz do Sr. Dr. Luís Cebola “distinto clínico-director do M. do Telhal” mostra “a sua extraordinária cultura médica e o seu pujante talento”⁴².

Sobre a *Psiquiatria Social* “O Dr. L. C. é um dos que mais se têm dedicado à sua especialidade científica”⁴³, havendo mais seis jornais com referências. Mas é talvez em relação ao livro *Psiquiatria Clínica e Forense*, 1.^a e 2.^a ed., que as observações favoráveis sejam mais extensas por parte do DN⁴⁴, do D. de L.⁴⁵, em que o crítico Sanz Vieira escreve: “este monumental trabalho (...) representa o fervor científico, a afincada e diária observação manicomial, *abundantia cordis* de filantropo desvelado que o Dr. Luís Cebola vem provando, há 30 anos, na Direcção Clínica da Casa de Saúde do Telhal”. Também a *República*⁴⁶ e o *Diário de Notícias*⁴⁷ trazem apreciações muito favoráveis. Poderá alguém observar, com certa razão, que foram escolhidas as posições mais favoráveis para ajudar a vender. Isso, porém, não impede que sejam reais e que venham de vários quadrantes.

O Dr. Luís Cebola, como clínico apaixonado pela prática, pelo estudo e ensino da psiquiatria e matérias afins; como médico, *tocado*, no dizer dele, pelo carisma de S. João de Deus, e dedicado aos doentes da Casa de Saúde do Telhal, merece um lugar na memória da sociedade portuguesa e na da mesma Casa de Saúde.

³⁸ *Diário de Notícias*, 22-07-1925.

³⁹ *O Mundo*, 20-07-1925.

⁴⁰ *Diário de Lisboa*, 19-07-1925.

⁴¹ *O Radical*, 20-07-1925.

⁴² *Comércio do Porto*, 17-07-1927.

⁴³ *República*, 14-05-1931.

⁴⁴ *Diário de Notícias*, 12-07-1940.

⁴⁵ *Diário de Lisboa*, 24-12-1940.

⁴⁶ *República*, 30-07-1940.

⁴⁷ *Diário de Notícias*, 12-08-1941.

Bibliografia do Dr. Luís Cebola:
títulos existente na Biblioteca S. João de Deus, com respectiva ficha

Apresentamos a bibliográfica de toda a obra conhecida do Dr. Luís Cebola, não contabilizando os títulos escritos na imprensa. O levantamento foi realizado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e na biblioteca da Ordem Hospitaleira (OHSJD), onde também se encontra uma dezena dos livros referenciados.

(BNP; L 33172//18P) *Alvorada: Revista Social e Litteraria*, 18--].

(BNP; J 974//2P) *Alvorada: Revista Social e Litteraria*, 1897.

(BNP; L 45763 P) *Canções da vida*, 1905.

(BNP; SA 5812 V) *Almas delirantes*, 1925.

(BNP; SA 21516 P) *História dum louco*, 1926.

(BNP; SC 11554 V) *Psiquiatria social*, 1931.

(BNP; SA 20377 P) *Enfermagem de alienados*, 1932.

(BNP; L 24173 P) *Sonetos e sonetinhos*, 1932.

(OHSJD; Reservas 1300) *Enfermagem Especial de Psicopatas* 1938, Policopiado.

(BNP; SC 12117 V) *Psiquiatria clínica e forense*, 1940.

(BNP; SA 13692 V) *Psiquiatria clínica e forense*, 1941.

(BNP; SA 14316 V) *As grandes crises do homem*, 1945.

(BNP; HG 27313 P) *Os novos messias: análise psicopatológica de Hitler e Mussolini*, 1945.

(BNP; L 39516 P) *Ronda sentimental*, 1948.

(BNP; L 39952 P) *Musa feiticeira*, 1951.

(BNP; SC 16082 P) *Democracia integral: origem e evolução*, 1951.

- (BNP; L 42792//2P) *Últimos sonetos*, 1953.
- (BNP; L 42934 P) *Cartas a um advogado provinciano*, 1954.
- (BNP; L 43612 P) *Patografia de Antero de Quental*, 1955.
- (BNP; SC 16973 P) *Estado Novo e República*, 1955.
- (BNP; L 44605 P) *Quando descí ao inferno: contos psicopatológicos*, 1956.
- (BNP; L 45853 P) *Atrás do sol*, 1957.
- (BNP; L 47607 P) *Memórias de este e do outro mundo*, 1957.
- (BNP; HG 29921 P) *Memórias de este e do outro mundo*, 2.^a ed., 1958.
- (BNP; HG 30697 P) *Clero. nobreza e povo*, 1959.
- (BNP; L 49837 P) *Diálogo com uma desconhecida*, 1959.
- (BNP; HG 30720 P) *Por terras de Espanha e França*, 1959.
- (BNP; SA 29969 P) *O homem livre na terra livre*, 1964.

Bibliografia

Em complemento sugerimos uma consulta geral e uma leitura circunstanciada de alguns artigos das duas obras gerais: “75 anos da Restauração da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus 1928/2003”; e principalmente a obra monumental “BROCHADO, Idalino da Costa (coord.) – S. João de Deus. Homenagem de Portugal ao seu glorioso Filho, 1550-1950. Lisboa: Bertrand, 1950, e à sua edição facsimilada da mesma, de 2006, com actualização bibliográfica por Pinharanda GOMES e por nós próprios.

Arquivo Histórico da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, *Casa de Saúde do Telhal*.

BROCHADO, Idalino da Costa (coord.) – S. João de Deus. *Homenagem de Portugal ao seu glorioso Filho, 1550-1950*. Lisboa: Bertrand, 1950.

- BORGES, Augusto Moutinho – *Estudar, Preservar, Conservar e Animar a Memória da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus em Portugal*. In: *75 anos da restauração da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, 1928-2003*. Lisboa: Alcalá, 2006, pp. 137-144.
- CARRETO, Pe. Augusto – *A nossa Casa do Telhal durante os primeiros 50 anos de existência (1893-1943)*. Telhal: *Revista Hospitalidade*, 1943, pp. 31-37.
- CEBOLA, Luís – *Evolução Terapêutica na Casa de Saúde do Telhal*. In: *Os Irmãos de S João de em Portugal 1606-1834 – 1893-1943*. Lisboa: Telhal, 1943.
- DORGUETE, Pe. José Nunes – *Estado Actual da Província de S. João de Deus*. Telhal: OHSJD, 1997.
- FERNANDES, Barahona – *As Primícias da Obra de Pedro Polónio*. In: *Psiquiatria Clínica*. Coimbra: vol. 8, n.º 1, Jan./Mar, 1987.
- FILIFE, Pe. Nuno, *Irmãos de S. João de Deus 50.º Aniversário da Restauração de Províncias Portuguesa da Ordem Hospitaleira, 1928-1978*, Telhal, 1980.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Rio de Janeiro: GEPB, vol. 6, p. 376.
- GAMEIRO, Pe. Aires (coord.) – *Casa de Saúde do Telhal. 1.º Centenário 1893-1993. Documentos históricos e clínicos*. In: *Revista Hospitalidade*. Lisboa: Hospitalidade, n.º 224-225, 1993.
- GAMEIRO, Pe João – *Os Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus em Portugal. Memória escrita por ocasião do cinquentenário da Fundação da Casa de Saúde do Telhal, 1606-1834 e 1893-1943*. Telhal: OHSJD, 1943.
- LAVAJO, Joaquim Chorão – *Ordem Hospitaleira de S. João de Deus em Portugal, 1893-2002*. Lisboa: Hospitalidade, 2003.
- Sep. de *A Medicina Contemporânea*, ano 68, n.º 12., *Psiquiatria / Terapêutica / Psicoterapia*.
- Sep. de *A Medicina Contemporânea, Leucotomia cerebral-técnica operatória*.- [S.l.: s.n.], 1950, 14 pág.
- PICHOT, P. e BARAHONA FERNANDES – *Um século de Psiquiatria e a Psiquiatria em Portugal*. In: pt.wikipedia.org/wiki/António_Egas_Moniz, 1983, p. 166.
- Revista Hospitalidade*, 1936, n.º 1, 2, 3, 4; 1937, n.º 5, 6, 7, 8; 1939, n.º 9 e 13.

NOTA: este trabalho contou com a colaboração de Valter Correia para a parte informática e tratamento de imagem.

Um republicano no convento O Dr. Luís Cebola e a ocupação ergoterápica dos doentes mentais na Casa de Saúde do Telhal, da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus

RESUMO:

Os autores dão a conhecer uma figura notável da psiquiatria portuguesa, na transição da Monarquia para a República, que incompreensivelmente tem sido ignorada.

Competente clínico, o Dr. Cebola foi autor de textos e manuais didácticos, docente e inovador na área das ergoterapias, colónias de doentes mentais e museologia da loucura. Sempre actualizado, aplicou o que de melhor observou lá fora.

Foi ainda escritor literário, dramaturgo e poeta. Outro fascínio desta figura ilustre é o facto de ter sido por 37 anos director clínico de uma Casa de Saúde de frades, que os republicanos não conseguiram expulsar do país em 1910.

PALAVRAS-CHAVE:

Luís Cebola, Casa de Saúde do Telhal, Ordem Hospitaleira de S. João de Deus (Hospitalidade), Psiquiatria Portuguesa, Museu de Loucura

A Republican in the convent: Dr. Luís Cebola and ergotherapeutic occupation of mentally ill patients at the Telhal Health Institution, of the Hospitaller Order of St. John of God

ABSTRACT:

The authors introduce a remarkable figure of Portuguese psychiatric care, during the transition period from the Monarchy to the Republic, who has incomprehensibly been ignored.

A competent practitioner, Dr. Cebola wrote several didactic papers and manuals, besides lecturing and pioneering in ergotherapy, colonies for the mentally ill and madness museology. Always updated, he implemented the best practices he witnessed abroad.

Furthermore, he was a writer, playwright and poet. Another fascinating fact about this illustrious practitioner was that for 37 years he was the clinical director of a Health Institution owned by friars, whom the Republicans had not managed to expel from the country in 1910.

KEY-WORDS:

Luís Cebola, Telhal Health Institution, Hospitaller Order of St. John of God (Hospitality), Portuguese Psychiatrics, Madness Museum

Un républicain au couvent « Le Dr. Luís Cebola » et l'occupation ergothérapique des malades mentaux à la Maison de Santé de Telhal, de l'Ordre Hospitalier de St. Jean de Dieu

RÉSUMÉ:

Les auteurs nous présentent une figure notable de la psychiatrie portugaise, lors de la transition de la Monarchie vers la République, qui de façon incompréhensible a été amplement ignorée.

Un clinicien compétent, le Dr. Cebola fût l'auteur de textes et de manuels didactiques, enseignant et innovateur dans le domaine des ergothérapies, colonies de malades mentaux et muséologie de la folie. Toujours au fait des derniers avancements, il appliqua ce qu'il observait de mieux à l'étranger.

Il fût encore un écrivain littéraire, dramaturge et poète. Un autre fait fascinant de cette figure illustre est qu'il fût pendant 37 ans le directeur clinique d'une Maison de Santé de moines que les républicains ne parvinrent pas à expulser du pays, en 1910.

MOTS-CLES:

Luís Cebola, Maison de Santé de Telhal, Ordre Hospitalier de St. Jean de Dieu (Hospitalité), Psychiatrie Portugaise, Musée de la Folie

ÍNDICE

Evocação duma experiência	9
Perfil (auto)biográfico do Dr. Luís Cebola	11
Uma visita de Afonso Costa inesperada, seguida de uma nomeação Director Clínico da Casa de Saúde do Telhal	13
Iniciativas inovadoras no Telhal, colónia ergoterápica	14
O tratamento pela ocupação dos pacientes foi a sua paixão	15
Novas construções para um hospital modelar	16
Casa de Saúde do Telhal com tratamentos de vanguarda	17
A Casa de Saúde do Telhal e a assistência a pacientes militares	18
Um Museu, único no país	22
Escola de Enfermagem da Casa de Saúde do Telhal dos Irmãos de S. João de Deus	23
Produção literária e científica	24
Um clínico votado ao ostracismo?	25
Pensão da Casa de Saúde do Telhal até 1967	27
Observações finais	28
Bibliografia do Dr. Luís Cebola: títulos existente na Biblioteca S. João de Deus, com respectiva ficha	29
Bibliografia	31
Resumo	32
	34

Os Cadernos do CEIS20 são publicados pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra-CEIS20.

Esta publicação, de pequena dimensão, tem por objectivo dar a conhecer resultados parciais ou finais de pesquisas realizadas no âmbito deste Centro e reflectem, por isso, a actividade de investigação efectuada. Os trabalhos publicados têm que ser inéditos e devem incentivar o debate de temas e de problemas do século XX.

Coordenação: João Rui Pita

2



CEIS20
CENTRO DE ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
DO SÉCULO XX
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

• U



• C •

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

ISBN: 978-972-8627-14-0



9 789728 627034